

Estado da publicação: Não informado pelo autor submissor

ORGANIZANDO O MUSEU ESCOLAR DA ESCOLA PARQUE (1964): DIÁLOGOS DE YVONNE JEAN COM FLORISVALDO TRIGUEIROS

Juarez José Tuchinski dos Anjos

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.11248>

Submetido em: 2025-02-11

Postado em: 2025-02-27 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

ARTIGO

**ORGANIZANDO O MUSEU ESCOLAR DA ESCOLA PARQUE (1964):
DIÁLOGOS DE YVONNE JEAN COM FLORISVALDO TRIGUEIROS¹**

JUAREZ JOSÉ TUCHINSKI DOS ANJOS¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4677-5816>

juarezdosanjos@unb.br

¹ Universidade de Brasília. Brasília, Distrito Federal (DF), Brasil.

RESUMO: O objetivo do artigo é investigar o modelo de museu escolar posto em circulação por Yvonne Jean em Brasília em 1964, por meio da leitura que fez da obra *Museu e Educação* de Florisvaldo dos Santos Trigueiros, com o intuito de aconselhar professoras e alunos da Escola Parque sobre como poderiam organizar seu museu escolar. As conclusões apontam que o modelo de museu escolar posto em circulação por Yvonne Jean, na leitura que fez da obra de Florisvaldo Trigueiros, era aquele considerado moderno para os padrões da época: espaço próprio, dentro da escola, dotado de equipamentos e acervo que favorecessem o processo de ensino das matérias de que se compunha o ensino da instituição educativa que o abrigava. Tudo nesse museu, desde as cores das paredes e móveis até o arranjo do acervo – sem deixar de contemplar inclusive o processo de etiquetamento dos materiais –, deveria contribuir para que ele se tornasse um ingrediente eficaz na tarefa de educar as novas gerações, via instituição escolar. A constituição do acervo de um museu escolar, porém, devia ser criteriosa, evitando as peças curiosas ou sem relação com o fio condutor do ensino ao qual ele deveria ser colocado a serviço. O bom gosto deveria orientar seu ordenamento, especialmente levando-se em conta ser um espaço dedicado a despertar o interesse de crianças, que poderiam, inclusive, manusear as peças expostas, para um aprendizado mais ativo e participativo.

Palavras-chave: História da Educação, Museu Escolar, Brasília.

**ORGANIZING THE SCHOOL MUSEUM AT ESCOLA PARQUE (1964):
DIALOGUES BETWEEN YVONNE JEAN AND FLORISVALDO TRIGUEIROS**

ABSTRACT: The aim of this article is to investigate the model of school museum introduced by Yvonne Jean in Brasília in 1964, through her reading of the work *Museu e Educação* by Florisvaldo dos Santos Trigueiros, with the aim of advising teachers and students at Escola Parque on how they could organize their school museum. The conclusions indicate that the model of school museum introduced by Yvonne Jean, based on her reading of the work by Florisvaldo Trigueiros, was considered modern by the standards of the time: a dedicated space within the school, equipped with equipment and a collection that would facilitate the teaching process of the subjects that comprised the teaching of the educational institution that housed it. Everything in this museum, from the colors of the walls and furniture to the arrangement of the collection – without neglecting to include the process of labeling the materials – should contribute to making it an effective ingredient in the task of educating new generations, via the

¹ O artigo apresenta resultados dos projetos de pesquisa “História das culturas escolares em Brasília (1960-1971)” e “Culturas escolares de escola primária nas colunas da jornalista Yvonne Jean (Brasília, década de 1960)”.

school institution. The collection of a school museum, however, should be carefully organized, avoiding curious pieces or pieces that have no connection with the teaching theme for which it should be used. Good taste should guide its organization, especially considering that it is a space dedicated to awakening the interest of children, who could even handle the pieces on display, for a more active and participatory learning experience.

Keywords: History of Education, School Museum, Brasília.

ORGANIZACIÓN DEL MUSEO ESCOLAR DE LA ESCOLA PARQUE (1964): DIÁLOGOS ENTRE YVONNE JEAN Y FLORISVALDO TRIGUEIROS

RESUMEN: El objetivo de este artículo es investigar el modelo de museo escolar puesto en circulación por Yvonne Jean en Brasilia en 1964, a partir de su lectura de la obra *Museu e Educação* de Florisvaldo dos Santos Trigueiros, con el objetivo de orientar a profesores y alumnos de la Escola Parque sobre cómo podrían organizar su museo escolar. Las conclusiones indican que el modelo de museo escolar puesto en circulación por Yvonne Jean, en su lectura de la obra de Florisvaldo Trigueiros, fue considerado moderno para los estándares de la época: un espacio dedicado, dentro de la escuela, equipado con equipos y acervos que favorecían el proceso de enseñanza de las disciplinas que componían la enseñanza de la institución educativa que lo albergaba. Todo en este museo, desde los colores de las paredes y el mobiliario hasta la disposición de la colección –sin olvidar incluir el proceso de etiquetado de los materiales– debe contribuir a que sea un ingrediente eficaz en la tarea de educar a las nuevas generaciones, a través de la institución escolar. La composición de la colección de un museo escolar, sin embargo, debe ser juiciosa, evitando piezas curiosas o no relacionadas con el principio rector de la enseñanza para la que debe utilizarse. El buen gusto debe guiar su disposición, sobre todo teniendo en cuenta que se trata de un espacio dedicado a despertar el interés de los niños, quienes incluso podrían manipular las piezas expuestas, para un aprendizaje más activo y participativo.

Palabras clave: Historia de la Educación; Museo Escolar; Brasilia.

INTRODUÇÃO

Em 1964, a Escola Parque de Brasília – instituição dedicada à formação artística, física e manual, em contraturno, das crianças que frequentavam o ensino primário local (ANJOS, 2024a) – começou a movimentar-se para organizar um museu escolar.

Conforme elucida Camila Marchi da Silva (2015, p. 145),

As prescrições para a utilização dos museus escolares apareceram no Brasil ainda no Império: a Reforma Leôncio de Carvalho, de 1879, orientava que o ensino deveria ser feito com base no método intuitivo e lições de coisas e para a utilização dos museus escolares nos diversos distritos do mesmo município.

O período republicano não somente manteve a orientação para utilização dos museus escolares como delimitou sua aplicação ao ensino primário e especificou os tipos de museus escolares, com objetos de zoologia, botânica e mineralogia. Mas, percebe-se que nesse mesmo período o termo, bem como diferentes museus escolares foram usados em ginásios, escola normal, escolas secundárias privadas.

Por outro lado, conforme alertam Marília Gabriela Petry e Vera Lúcia Gaspar da Silva (2013), a expressão “museu escolar” comporta uma pluralidade de sentidos e significados, podendo designar tanto os quadros parietais dispostos para a observação dos alunos, o móvel que guardava as coleções de objetos para as lições de coisas, o museu instalado dentro de uma sala de aula ou um pequeno gabinete a parte dentro do edifício escolar, dentre outros. Segundo essas historiadoras, em termos históricos, “as escolas

encontraram um jeito único de montar o próprio museu, privilegiando determinadas peças em detrimento de outras, utilizando-o para funções distintas” (PETRY; SILVA, 2013, p. 96).

Diante desse quadro, certamente as professoras e alunos da Escola Parque tinham, diante de seus olhos, múltiplas possibilidades de organização daquilo que seria o museu escolar da instituição. Sabedora disso é que a jornalista Yvonne Jean, que mantinha uma coluna dedicada à educação e ao ensino em Brasília no jornal local *Correio Braziliense*, destinou algum espaço para aconselhar aquela comunidade escolar sobre como poderiam formar seu museu escolar, dialogando, particularmente, com as orientações contidas no livro *Museu e Educação*, de Florisvaldo dos Santos Trigueiros, publicado em 1958, que dedicava um capítulo de sua obra, justamente, à questão dos museus escolares.

Yvonne Jean era uma jornalista belga naturalizada brasileira. Possuía vasto capital cultural, que lhe permitiu construir, desde os anos 1940, uma sólida carreira jornalística no Rio de Janeiro e em São Paulo, sempre dedicando-se a temas culturais, em especial, a educação. Publicou, inclusive, em 1948, o livro *Visitando Escolas*, resultado de um inquérito jornalístico sobre a situação das escolas na antiga capital federal (ANJOS; RIBEIRO, 2024). Em 1962, a convite de Darcy Ribeiro, veio para Brasília, a fim de atuar no setor de extensão cultural da recém-criada Universidade de Brasília. Paralelamente, dedicou-se a escrever sobre os temas que já lhe eram caros no jornal local *Correio Braziliense*, órgão dos Diários Associados, folha alinhada aos interesses dos governos de ocasião (ANJOS, 2022a). Foi na sua coluna *Ensino Dia a Dia* que acompanhou o desenrolar da educação na nova capital e a partir da qual buscou intervir no funcionamento das escolas, a fim de que materializassem o ideal de uma educação moderna conforme proposta pelo educador Anísio Teixeira, idealizador daquele sistema educacional (ANJOS, 2022b).

Florisvaldo dos Santos Trigueiros, por sua vez

[...] matriculou-se no curso de museus em 1949, como bolsista, pelo Estado da Bahia. Desde 1942 era funcionário público do Banco do Brasil e quando se formou, em 1951, esse novo ofício foi determinante para sua trajetória profissional. Trigueiros especializou-se em processamento técnico de museus e acervos numismáticos, tornando-se uma referência no Brasil ao organizar e implementar instituições como o Museu do Banco do Brasil (1954-55), o Museu da Caixa de Amortização (1960), o Museu de Valores do Banco Central (1974-75), entre inúmeros projetos e exposições de curta duração (FARIA, 2014, p. 60).

Diante do exposto, o objetivo deste artigo é investigar o modelo de museu escolar posto em circulação por Yvonne Jean em Brasília em 1964, por meio da leitura que fez da obra de Florisvaldo dos Santos Trigueiros, com o intuito de aconselhar professoras e alunos da Escola Parque sobre como poderiam organizar seu museu escolar.

A hipótese em tela é que Yvonne Jean agia como uma mediadora cultural (GINZBURG, 1991a), cuja atuação é comparável à de um filtro “que pode atenuar, reforçar ou distorcer os conteúdos culturais” (GINZBURG, 1991a, p. 132). Nesse processo, ao “traduzir” as posições de Trigueiros sobre os museus escolares, o fez adaptando-as ao contexto brasileiro que ela tão bem conhecia. Assim como o Menocchio de Carlo Ginzburg (2007) ela não lia de forma passiva o livro *Museus e Educação*, mas o fazia de forma inventiva, produzindo sentidos e significados próprios, com vistas ao seu objetivo de intervir na realidade escolar da Escola Parque de Brasília.

Em termos metodológicos, foram consultadas as edições do *Correio Braziliense* disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Perseguindo o fio do nome (GINZBURG, 1991b), buscou-se pela palavra-chave “Museu Escolar” as ocorrências sobre o tema, sendo encontradas 4 menções, 3 das quais nas colunas da jornalista Yvonne Jean do ano de 1964. Essa busca permitiu demarcar que o tema fora tratado, de forma privilegiada, por esta colunista do jornal. A leitura das colunas, por sua vez, relevou o diálogo dela com a obra de Florisvaldo Trigueiros, que foi localizada e teve o capítulo dedicado aos museus escolares lido na íntegra. Após a leitura, as colunas e o capítulo foram fichados, emergindo uma correspondência temática entre eles: ambos abordavam a categorização de museu escolar e museu pedagógico, o processo de formação do acervo e o processo de sua organização, com vistas à constituição de um museu escolar, o que forneceu pistas das possíveis leituras que Yvonne Jean estava fazendo da obra de Trigueiros. Embora ela só mencione o livro a partir da segunda das três colunas examinadas, ficou claro que desde o início ele era seu ponto de referência para suas proposições sobre o tema dos

museus escolares, razão pela qual os escritos da jornalista foram lidos à contrapelo (BENJAMIN, 1987) do livro do conservador de museus.

O artigo, guiado por essa metodologia e colocando à prova a hipótese levantada, divide-se em quatro partes. Inicialmente, são analisadas as concepções de museu pedagógico e museu escolar. Em seguida, a atenção recai sobre os modos de constituição do acervo de um museu escolar. Num terceiro momento, se enfocam os procedimentos para organização do acervo do museu escolar. A quarta parte reúne breves apontamentos sobre o percurso realizado, a modo de conclusão.

MUSEU PEDAGÓGICO E MUSEU ESCOLAR: CONCEPÇÕES

Na coluna de 13 de junho de 1964, Yvonne Jean tratou de algumas concepções sobre museus escolares presentes na obra de Florisvaldo Trigueiros. O primeiro tópico que ela abordou, entretanto, foi a questão do museu pedagógico, que, como veremos, é bastante distinto do que seria o foco da coluna, o museu escolar. Escreveu a jornalista:

No livro *Museu e Educação* o técnico de museus F. dos Santos Trigueiros, responsável pelo Magnífico Museu e Arquivo Histórico do Banco do Brasil, um dos mais modernos e dinâmicos do país chama a atenção sobre o “Museu Pedagógico” destinado ao aprendizado dos professores. O assunto é tão desconhecido no Brasil que vale a pena ler atentamente o que segue: “Seu acervo é constituído de mobiliário escolar, projetos de prédios escolares e material de ensino. Deve possuir uma biblioteca especializada, arquivo e seção audiovisual, de vez que se destina a mostrar a evolução dos métodos de ensino e da aparelhagem para sua aplicação. O da França completou 85 anos de funcionamento. O Chile possui um, excelente. Devemos organizá-lo, quanto antes, pois ainda será fácil obter peças já em desuso, mas de grande importância sob o ponto de vista documental para mostrar o sentido evolutivo da pedagogia moderna... poderá ser patrocinado pelo governo federal em convênio com os governos estaduais, nas cidades em que haja escolas de preparo para professores que justifiquem sua instalação”. Lançamos a semente na esperança de que o assunto seja estudado quando a austeridade for sobrepujada, permitindo pensar na essencial ligação ensino-museu, sob seus aspectos, inclusive o acima relacionado que é, realmente, novo para nós (JEAN, 1964a, p. 9)

Antes de examinarmos o que escreveu Yvonne Jean, leiamos a classificação adotada por Florisvaldo Trigueiros para definir e diferenciar o museu pedagógico do museu escolar, parcialmente citada pela jornalista. Segundo Trigueiros,

O *museu pedagógico* destina-se ao aprendizado dos professores e o seu acervo é constituído de mobiliário escolar, projetos de prédios escolares e material de ensino. Deve possuir uma biblioteca especializada, arquivo e seção audiovisual, de vez que se destina a mostrar a evolução dos métodos de ensino e da aparelhagem para sua aplicação. (TRIGUEIROS, 1958, p. 114)

Já o museu escolar

tem por finalidade o ensino às crianças, e seu material deve servir de ilustração às aulas práticas das diversas matérias do programa, proporcionando aos professores sugestão de novos meios de apresentação do material de ensino. (TRIGUEIROS, 1958, p. 114-115).

Como se percebe, Florisvaldo Trigueiros tinha bem claras as diferenças entre museu pedagógico e museu escolar: o primeiro voltado ao aprendizado dos professores, retratando aspectos materiais da história da pedagogia; o segundo, voltado às crianças, como instrumento auxiliar do ensino. Essa diferenciação, inclusive, não era nova: já circulava no Brasil desde os Oitocentos, como demonstrado em estudo por Diana Gonçalves Vidal (2012). Trigueiros, desse modo, apenas atualiza e reforça essa categorização.

Certamente, Yvonne Jean, se leu a obra de Trigueiros na íntegra, conhecia essa classificação. Ainda assim, ao dedicar o espaço de sua coluna ao museu escolar decidiu ignorar essa distinção, para enfatizar uma mensagem aos seus leitores: a necessidade do país – cuja capital tinha uma escola

preocupada em organizar seu museu escolar – ir além e abraçar um projeto mais ambicioso: o da criação de um museu pedagógico em terras brasileiras.

Para Yvonne Jean, tratava-se de assunto tão desconhecido no Brasil, que chegou a transcreever um trecho da obra de Trigueiros para “ilustrar” aos seus leitores de que se trataria tal iniciativa, em que emergiam exemplos de países como o Chile e a França, que possuíam de há muito esse tipo de instituição museológica. Talvez, Yvonne Jean não soubesse – ou omitiu intencionalmente a informação para reforçar seus argumentos –, mas o Brasil também possuiu, no passado, um museu pedagógico, originado ainda nos anos finais do Império e que adentrou as primeiras décadas republicanas. Como apontam Marília Gabriela Petry e Vera Gaspar da Silva (2013, p. 83).

A criação do primeiro museu pedagógico brasileiro data de 2 de dezembro de 1883, tendo sido chamado de Museu Escolar Nacional, situado no Rio de Janeiro. Sua concepção se relaciona com a Primeira Exposição Pedagógica, a qual legou parte dos objetos que viriam a constituir o acervo do museu. Depois de fundado, o Museu Escolar Nacional passou a funcionar no andar superior da Imprensa Nacional, sendo aberto ao público duas vezes por semana, além do dia inteiro aos domingos.

Ainda segundo essas historiadoras, “em 1890 fundou-se um novo museu pedagógico, intitulado *Pedagogium*, por meio do decreto n. 667, de 16 de agosto, durante o mandato do ministro Benjamin Constant” (PETRY e SILVA, 2013, p. 83). Conforme demonstram os estudos reunidos por Ana Chrystina Venâncio Mignot (2014), esse museu funcionou até 1919, quando foi fechado e seu acervo dispersado. Esses dados, assim, revelam que, apesar da retórica utilizada por Yvonne Jean para destacar a originalidade da ideia de um museu pedagógico no Brasil, este era, na verdade, um assunto não de todo desconhecido de nossa *intelligentsia* educacional.

Todavia, na operação de apropriação (CHARTIER, 2002) que faz da obra de Trigueiros, Yvonne Jean, após citar o trecho em que aquele conservador define o que seria um museu pedagógico para diferenciá-lo do museu escolar, vale-se da argumentação e dos exemplos dados para lançar aos seus leitores uma ideia mais ambiciosa: a oportunidade de o país, com uma nova capital, criar um museu pedagógico destinado à formação dos professores. Aproveitando a pauta, ela vai além e, embora a constituição de um museu escolar fosse o assunto que efetivamente queria abordar, lança um apelo às autoridades – as novas, que haviam tomado o poder em março daquele ano por meio de um golpe civil-militar – para que, tão logo a situação de austeridade do país permitisse, fosse dada alguma atenção a um tema que ela considerava da maior importância: a formação docente através de um museu pedagógico. Sem diferenciá-lo do museu escolar aos seus leitores, vale-se da momentânea omissão para pensar em um projeto em que se poderia lançar mão da “essencial ligação ensino-museu”, que era, no fim das contas, o cerne, tanto da proposta de um museu pedagógico quanto de um museu escolar, que, após esse interessante preâmbulo, era o tema que ela iria efetivamente abordar nessa e em outras colunas, como veremos a seguir.

A CONSTITUIÇÃO DO ACERVO DE UM MUSEU ESCOLAR

Três dias antes da coluna acima mencionada, Yvonne Jean deu conselhos às professoras da Escola Parque sobre os modos de constituição do acervo do que viria a ser o museu escolar da instituição. Escreveu ela em 10 de junho de 1964:

A Escola-Parque está começando a organizar seu museu escolar. O setor audiovisual pede “qualquer contribuição, sobretudo de materiais auxiliares do currículo escolar”. A professora Maria Helena Lana Torres, que se especializou no Centro Regional de Pesquisas Educacionais de São Paulo, organizará, sem dúvida, um museu interessante. Porém, não será muita ambição querer reunir, ao mesmo tempo, material folclórico, de geografia, arte, artesanato, cerâmica, plantas, insetos, rochas, pedras e todo o mais? Não seria mais razoável começar com as ciências naturais, por exemplo? Ou qualquer outro ramo? Sempre receio empreendimentos muito vastos e variados. Talvez cá esteja enganada... De qualquer maneira, boa sorte ao museu, que espero moderno, quer dizer realizado de acordo com o atual conceito de museografia, muito diferente do de outrora e que requer dinamismo, muita vida e gosto (JEAN, 1964b, p. 9).

Quem estava à frente da organização do museu escolar da Escola Parque era a professora Maria Helena Lana Torres, “que se especializou no Centro Regional de Pesquisas Educacionais de São Paulo”. Com efeito, nos primeiros anos do sistema educacional de Brasília, foi recorrente o envio de professoras para receberem formação em outros locais do Brasil, como Minas Gerais e São Paulo (ANJOS, 2024b), o que contribuiu para a circulação de múltiplos e atualizados modelos pedagógicos na cidade. O CRPE de São Paulo era um braço do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE), órgão ligado ao Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, criado durante a gestão de Anísio Teixeira nessa autarquia. Essa informação é significativa porque, alguns anos antes, em 1958 – ano de lançamento do livro de Trigueiros –, numa parceria entre INEP e Museu Histórico Nacional, ocorreu no Rio de Janeiro um curso de curta duração sobre a organização de museus escolares, em que professoras bolsistas, ali formadas, deveriam criar museus escolares em seus estados de origem, sendo, uma delas, paulista (FARIA; POSSAMAI, 2019). Os conteúdos do curso, inclusive, aproximam-se bastante daqueles abordados por Florisvaldo Trigueiros e que estariam no horizonte de Yvonne Jean:

Os quatro primeiros tópicos do conteúdo programático apresentaram às professoras-bolsistas o conceito de museu e suas finalidades, com enfoque especial nas modalidades de vinculação direta com o universo escolar: museus pedagógicos, museus didáticos, museus escolares e museus das escolas (BRASIL, 1958) (...)

Os quatro próximos tópicos fixaram-se em princípios técnicos de arrumação de museus. Observa-se que o interesse específico era voltado para a montagem de exposições, com temáticas específicas, como montagem de vitrines. (...)

Os três últimos tópicos abordaram a classificação do acervo adaptado ao currículo escolar (FARIA; POSSAMAI, 2019, p. 12).

Assim, embora não disponhamos de maiores evidências, pode-se supor que, durante sua estadia no CRPE de São Paulo, a professora Maria Helena Lana Torres tenha tomado contato com o caldo de proposições sobre museus escolares que estava em circulação naquele circuito Rio (1958) – São Paulo (1964). Daí a motivação para criar, na Escola Parque de Brasília, o Museu Escolar. É para ela, em especial, e para as demais professoras, em geral, que se dirigem as observações de Yvonne Jean em suas colunas.

Sendo o museu escolar uma instituição auxiliar do ensino, percebemos, no relato de Yvonne Jean, que as professoras da Escola Parque de Brasília estavam tentando formá-lo com base nas matérias ali ensinadas, mas não só. Por isso, pediam “ao mesmo tempo, material folclórico, de geografia, arte, artesanato, cerâmica, plantas, insetos, rochas e todo o mais”. A jornalista vê nisso certa confusão, receando que o museu pudesse padecer de falta de uma identidade clara. Deveras, na relação dos materiais que estavam sendo captados, havia alguns mais adequados ao ensino primário convencional, ministrado em contraturno nas chamadas escolas-classe, onde, de fato, ensinava-se geografia e ciências ao passo que à Escola Parque cabiam as artes industriais, a educação artística e física (ANJOS, 2022b). A sugestão de Yvonne Jean era escolher um ramo e investir nele, ao contrário de “empreendimentos muito vastos e variados”.

Embora aqui a colunista não mencione seu horizonte de referência para pensar a constituição de um acervo museológico escolar, sabemos que ela se guiava pelo modelo fornecido por Florisvaldo Trigueiros, que estaria, sem dúvida, mais próximo do que ela poderia entender por “atual conceito de museografia”. Suas posições, de fato, se alinham às desse conservador de museus, que aconselhava em sua obra:

Os professores incentivarão os alunos a doarem peças ou trabalhos, estimulando aos poucos o espírito de cooperação e, por este meio, possibilitando que aprendam o caráter social e educativo do museu. Desse material excluir-se-ão as peças raras ou curiosas, que não tenham aplicação prática sob o ponto de vista pedagógico ou didático.

A ajuda em material, feita pelas famílias dos alunos, será orientada de modo a evitarem-se ofertas que não tenham valor para os objetivos em mira. (TRIGUEIROS, 1958, p. 115)

Para Trigueiros, era da participação e envolvimento dos alunos, que se originaria o acervo do museu escolar. Eles deveriam ser incentivados por suas professoras a doarem as peças que seriam

expostas, porém, com algum critério: excluindo-se as “peças raras ou curiosas”, que não tivessem “aplicação prática sob o ponto de vista didático”. Essa orientação deveria ser estendida inclusive às famílias, para “evitarem-se ofertas que não tenham valor para os objetivos em mira”. Ou seja, pode-se afirmar que Yvonne Jean concorda com Trigueiros ao expressar preocupação com a aparente falta de critério com que as professoras da Escola Parque estariam coletando os materiais do museu, propondo um recorte temático, ao menos, para início da empreitada. Tudo para que o museu apresentasse “dinamismo”, “vida” e “gosto”. Mas, não bastava reunir o acervo para existir um museu: impunha-se dar-lhe uma organização. É esse o outro tema abordado por Yvonne Jean, como veremos a seguir.

A ORGANIZAÇÃO DO ACERVO DE UM MUSEU ESCOLAR

Voltemos à coluna de 13 de junho de 1964. Após apresentar a obra de Florisvaldo Trigueiros para seus leitores, Yvonne Jean passa a dialogar com ela, dando orientações à comunidade da Escola Parque sobre os procedimentos que poderiam adotar para, após reunir o material, organizá-lo para ser exposto:

COMO? ONDE? POR QUÊ?

Após explicar a importância crescente dos meios audiovisuais no ensino o autor dá os seguintes conselhos técnicos e práticos aos responsáveis para um museu que não é destinado à visitação pública e que, ao contrário deste, em que as peças devem ser protegidas do contato das mãos para evitar sua destruição “os objetos expostos devem ser manuseados pelos interessados”.

Vem, em seguida, o papel educativo e social do museu que requer espírito de cooperação quer dizer participação de alunos e famílias à criação do acervo. Quanto aos dados concretos, Trigueiros aconselha a iluminação natural, quando possível; vitrines de uma altura que possibilite exame minucioso do material exposto; etiquetas “redigidas com clareza, de 20 a 30 palavras para as que se refiram às peças expostas e de 100 a 150 para as etiquetas-base... sobre o assunto que se pretende apresentar ou que sirva de motivo à exibição. Em todas as ocasiões em que vemos alguma coisa nossa tendência é perguntar como? Onde? Por quê?” São essas as perguntas que devem ser respondidas pela própria apresentação das peças (JEAN, 1964a, p. 9)

Transformando o livro de Trigueiros em uma espécie de manual, Yvonne Jean extrai dele dados objetivos, com vistas a orientar a organização do acervo de um bom museu escolar. Começa lembrando com o conservador que o museu escolar se destina não à visitação pública, mas ao uso em atividades práticas de ensino. Por isso, seus objetos não precisam ser mantidos a distância, mas arrumados de forma a permitir que fossem manuseados pelas curiosas mãos das crianças. Quanto à sua organização física, a jornalista e Trigueiros orientam para o uso da iluminação natural, vitrines à altura das crianças, etiquetas redigidas de forma clara (com prescrição inclusive do número de palavras a serem empregadas em cada caso) e a preocupação de que, em todo seu arranjo, o museu procure responder a três questões: Como? Onde? Por quê?

As prescrições de Trigueiros filtradas por Yvonne Jean visam organizar materialmente os objetos do museu escolar. A jornalista, fazendo uma síntese, elenca quase todas as ideias trazidas pelo conservador de museus, deixando de tratar, nesse momento, de apenas cinco delas. Sobre esses pontos, Trigueiros complementaria muito bem as orientações de Yvonne Jean quando escreveu que:

Na instalação de um museu escolar, a escolha das cores deve ser feita entre as que exerçam influência agradável, evitando-se as de efeito depressivo, pois tornaria penosa e desagradável a visita de alunos e professores, comprometendo o objetivo principal de atração e agrado (TRIGUEIROS, 1958, p. 115).

Quanto à colocação dos assentos, será indispensável atender à sua boa disposição, proporcionando conforto aos alunos, o que facilitará ao professor manter a disciplina da classe, ensejando condições ambientes para melhor aproveitamento das visitas-aulas. (TRIGUEIROS, 1958, p. 116).

Uma exposição é bem-feita quando os objetos à mostra ficam valorizados. Esta condição é conseguida uma vez que se exibam em pequeno número, para que as vitrines não fiquem entulhadas. (TRIGUEIROS, 1958, p. 116)

Para o arranjo do que vai se expor podem ser usados pequenos pedaços de madeira, pequenos recipientes ou outros materiais que estiverem ao alcance e se prestem a ser pintados servindo de suporte para os objetos (p. 116).

Outras peças poderão ficar presas ao fundo da vitrine ou a painéis isolados, por fios de arame fino ou de “nylon”. As vitrines e os painéis serão pintados ou forrados, usando-se, neste caso, qualquer tecido a venda no comércio, conforme o material que se tenha de apresentar, o gosto de quem arruma e a verba de que se dispõe, dando-se preferência, sempre, a material de cores neutras e aspecto simples. (TRIGUEIROS, 1958, p. 117).

Seriam esses aspectos acima mencionados pontos já resolvidos na Escola Parque, e, portanto, desnecessário insistir neles? Ou, ao contrário, seriam tópicos para além do que era possível naquele momento para a organização do Museu Escolar? Ou, ainda, seriam elementos que Yvonne Jean julgou menos importantes nos primeiros passos de constituição de um museu escolar? Não é possível responder a esses questionamentos somente com as fontes de que dispomos, mas fica claro que a leitura que a jornalista fazia das orientações de Trigueiros era seletiva e visava destacar somente aquilo que considerava mais adequado e exequível à realidade da Escola Parque de Brasília, que ela conhecia tão bem e sobre a qual queria intervir.

As orientações “traduzidas” e transcritas por Yvonne Jean parecem ter chegado ao público ao qual se destinavam. Ao menos, é o que sugere uma terceira coluna por ela assinada, publicada em 16 de junho de 1964:

Citei, há poucos dias, o livro “Museu e Educação” de F. dos Santos Trigueiros. Destaquei a ideia do “Museu Pedagógico”, até hoje ignorado no Brasil e de interesse para o aprendizado dos professores. Também dei alguns detalhes concretos sobre o arranjo do museu escolar, com suas etiquetas redigidas com clareza sobre o assunto em pauta e uma apresentação que responda imediatamente aos “como? Onde? Por quê?” dos alunos. Eis alguns detalhes complementares, para atender à professora que telefonou a respeito. Detalhes bem simples e, por isso mesmo, úteis sobre o arranjo (JEAN, 1964c, p. 7).

Como se depreende do relato acima, os leitores da coluna interagiam com o que nela era escrito, em especial as professoras envolvidas com a organização do museu escolar, a ponto de uma delas, desejosa de maiores informações, ter telefonado à jornalista para obter mais detalhes. Identifica-se, assim, um efetivo circuito de comunicação (DARNTON, 2010) entre jornalista e público leitor, sobre o qual ela queria influir com suas ponderações. Assim, atendendo à leitora curiosa, complementa:

O autor aconselha que o piso seja forrado de plástico, fácil de encontrar no comércio, em várias cores, porque é decorativo e elimina os ruídos. Deve ser “de preferência em tons cinzentos que combinam com qualquer outra tonalidade empregada nas paredes e nos móveis” e museu escolar não deve ser arrumado de qualquer jeito: se se chama “museu” deve, antes de mais nada, proporcionar ambiente de bom gosto (JEAN, 1964c, p. 7).

Além do isolamento acústico, a forragem do piso com plástico ajudaria a decorar o ambiente, lembrando que um museu escolar precisava ser arrumado com “bom gosto”. Daí a recomendação para que se empregassem tons cinzentos, que combinem com as paredes e móveis. O tipo de museu escolar a que se referem Trigueiros e Yvonne Jean era bem diferente daquele modelo inglês de fins do século XIX, em que, segundo Martin Lawn (2013), os armários-museu foram a solução encontrada para armazenar os objetos do museu escolar e que vieram a ser, também, largamente empregados no Brasil (PETRY; SILVA, 2013). O Museu moderno, por sua vez, devia ser instalado numa sala específica dentro do edifício escolar, equipado de móveis expositores e feito para nele se adentrar durante as visitas. Um espaço próprio, dotado de características que o diferenciariam das salas de aula comuns. Nesse ambiente, outros elementos poderiam ser chamados a completá-lo, como prossegue Yvonne Jean na leitura que faz da obra de Trigueiros:

Plantas vivas também devem alegrar o ambiente, sendo de preferência, ao mesmo tempo que decorativas, elemento prático de estudo... o arquivo deve documentar o desenvolvimento da escola com trabalhos dos alunos... Recursos locais da natureza e trabalhos característicos da região, como também artesanato e folclore, devem ser divulgados pelo museu. Enfim, esse museu deve se tornar núcleo real de interesse escolar. Se qualquer coordenador de museu escolar quiser informações suplementares e de fácil execução sobre o assunto, nosso exemplar do livro especializado “Museu e Educação” está ao seu inteiro dispor (JEAN, 1964c, p. 7).

Encerrando suas recomendações, Yvonne Jean oferece a própria obra de Florisvaldo Trigueiros a quem quisesse “informações suplementares e de fácil execução sobre o assunto”. Sua coluna, nesse sentido, serviu tanto como intérprete de um modelo de museu escolar em circulação no Brasil nos anos 1950-1960 – aquele da leitura que dele fez a jornalista belgo-brasileira – como de divulgadora, para o público brasileiro, das proposições integrais em circulação nos meios museológicos sobre como se poderia organizar um museu escolar, tarefa que estava sendo enfrentada, naquele momento, pela Escola Parque de Brasília.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve por objetivo investigar o modelo de museu escolar posto em circulação por Yvonne Jean em Brasília em 1964, por meio da leitura que fez da obra de Florisvaldo dos Santos Trigueiros, com o intuito de aconselhar professoras e alunos da Escola Parque sobre como poderiam organizar seu museu escolar.

Pode-se afirmar, por um lado, que o modelo de museu escolar posto em circulação por Yvonne Jean, na leitura que fez da obra de Florisvaldo Trigueiros, era aquele considerado moderno para os padrões da época: espaço próprio, dentro da escola, dotado de equipamentos e acervo que favorecessem o processo de ensino das matérias de que se compunha o ensino da instituição educativa que o abrigava. Tudo nesse museu, desde as cores das paredes e móveis até o arranjo do acervo – sem deixar de contemplar inclusive o processo de etiquetamento dos materiais –, deveria contribuir para que ele se tornasse um ingrediente eficaz na tarefa de educar as novas gerações, via instituição escolar. A constituição do acervo de um museu escolar, porém, devia ser criteriosa, evitando as peças curiosas ou sem relação com o fio condutor do ensino ao qual ele deveria ser colocado a serviço. O bom gosto deveria orientar seu ordenamento, especialmente levando-se em conta ser um espaço dedicado a despertar o interesse de crianças, que poderiam, inclusive, manusear as peças expostas, para um aprendizado mais ativo e participativo.

Por outro lado, foi possível, no decorrer do artigo, confirmar a hipótese de que, para orientar a comunidade da Escola Parque de Brasília sobre como constituir seu museu escolar, Yvonne Jean funcionou como filtro cultural das proposições de uma autoridade da época em assuntos museológicos, o conservador Florisvaldo Trigueiros. Sua leitura do livro *Museu e Educação* era bastante ativa: ora visava divulgar *ipsis literis* as concepções desse autor; ora omitia aquilo que talvez estivesse além das possibilidades e necessidades da Escola Parque; ora resignificava seu conteúdo, como na ênfase que procurou dar a ideia de que, além de um museu escolar, se organizasse também um museu pedagógico, que estivesse a serviço da formação dos professores do país, resgatando uma iniciativa dos tempos imperiais e republicanos, mas que não havia tido solução de continuidade até aquele momento.

Por fim, em estudos a serem empreendidos, valeria a pena investigar, nos arquivos da Escola Parque de Brasília, se a ideia de um museu escolar chegou a concretizar-se na instituição e, em tendo se materializado, se adotou ou não as orientações fornecidas por Yvonne Jean. Mas essa é uma outra história, a ser escrita futuramente...

REFERÊNCIAS

ANJOS, Juarez José Tuchinski dos. Aspectos das culturas escolares da escola primária em Brasília nas colunas de Yvonne Jean (1962-1964). *Revista Diálogo Educacional*. Curitiba, v. 24, n. 80, p. 318-331, jan.-mar. 2024b.

ANJOS, Juarez José Tuchinski dos. O Inep e o planejamento do sistema público de ensino de Brasília nos anos 1950. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Brasília, v. 103, n. 263, p. 87-94, jan.-abr. 2022b.

ANJOS, Juarez José Tuchinski dos. O jornal “Correio Braziliense” como fonte para a história das culturas escolares em Brasília (1960-1971). In: BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani; ZIMMERMAN;

Tânia Regina. (orgs.) *Fontes históricas em perspectivas situadas: Limiares de pesquisas e ensinabilidades em educação*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022a, p. 37-54.

ANJOS, Juarez José Tuchinski dos. Práticas escolares na Escola Parque de Brasília nas colunas da jornalista Yvonne Jean (1962-1963). *Revista Ponto de Vista*. Vol. 13, n. 1, p. 1-13, 2024a.

ANJOS, Juarez José Tuchinski dos; RIBEIRO, Betânia de Oliveira Laterza. Yvonne Jean: um olhar sobre a Escola Regional de Meriti, RJ, 1948. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, v. 54, p. 1-16, 2024.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de História. In: *Obras Escolhidas I*. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 222-234.

CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e apropriações*. Rio de Janeiro: Difel, 2002.

DARNTON, Robert. *O Beijo de Lamourette*. Mídia, cultura e revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FARIA, Ana Carolina Gelmini de. Educação em museus: um mosaico da produção brasileira em 1958. *Museion*. Canoas, n. 19, p. 53-66, dez. 2014.

FARIA, Ana Carolina Gelmini; POSSAMAI, Zita Rosane. O curso de organização de museus escolares do Museu Histórico Nacional (Brasil, 1958). *História da Educação*. Porto Alegre, v. 23, p. 1-37, 2019.

GINZBURG, Carlo. O nome e o como. Troca desigual e mercado historiográfico. In: *A micro-história e outros ensaios*. Lisboa: Difel, 1991b, p. 169-178.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. O cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GINZBURG, Carlo. Os pombos abriram os olhos: conspiração popular na Itália do séc. XVII. In: *A micro-história e outros ensaios*. Lisboa: Difel, 1991a, p. 131-142.

JEAN, Yvonne. O ensino dia a dia. *Correio Braziliense*. Brasília, 13 jun. 1964a, p. 9.

JEAN, Yvonne. O ensino dia a dia. *Correio Braziliense*. Brasília, 10 jun. 1964b, p. 9.

JEAN, Yvonne. O ensino dia a dia. *Correio Braziliense*. Brasília, 16 jun. 1964c, p. 7.

LAWN, Martin. Uma pedagogia para o público: o lugar dos objetos, observação, produção mecânica e armários-museus. *Linhas*. Florianópolis, v. 14, n. 26, p. 222-243, jan.-jun. 2013.

MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio (org.) *Pedagogium: símbolo da modernidade educacional republicana*. Rio de Janeiro: Quartet, 2014.

PETRY, Marília Gabriela; GASPARD DA SILVA, Vera Lúcia. Museu escolar: sentidos, propostas e projetos para a escola primária (séculos 19 e 20). *História da Educação*. Porto Alegre, v. 17, n. 41, p. 79-101, set-dez. 2013.

SILVA, Camila Marchi da. *Museus escolares no Estado de São Paulo (1879-1942)* (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação: História, Política, Sociedade da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2015.

TRIGUEIROS, Florisvaldo dos Santos. *Museu e Educação*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1958.

VIDAL, Diana Gonçalves. Museus pedagógicos e escolares: inovação pedagógica e cultura material escolar no Império Brasileiro. In: ALVES, Cláudia; MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio (orgs.). *História*

e historiografia da educação ibero-americana: projetos, sujeitos e práticas. Rio de Janeiro: Quartet, 2012, p. 197-213.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE

Os autores declaram que não há conflito de interesse com o presente artigo.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.